





FASCICULO
DE
TROVAS



PARIS
TYPOGRAPHIA DE A. PARENT,
rue Monsieur-le-Prince, 31.

—
1876

Ex^{mo} Senhor Com^{or}

MANUEL ANTONIO GONÇALVES ROQUE

Nota tua est prohibita, testataque
tempus in omne.

OVID., Lib. 3, Epist. 1^a.

Corrião os mezes de Fevereiro e Março deste anno : o inqualificavel procedimento do governo brasileiro a meu respeito obrigava-me a frequentar quotidianamente as antecamaras das secretarias de agricultura e de fazenda, e lá me demorava, ás vezes, horas esperando occasião opportuna de fallar, sobre a minha desprotegida causa, a esses senhnores que dirigem as numerosas secções.

Procurei pois illudir tantas horas de enfado e desânimo recordando na mente alguns factos

da historia portugueza, e d'ahi nascêraõ as presentes singelas composições que offereço a V.Ex.

Acredito que, á semelhança do que diz um nosso poeta a respeito do Nilo que correndo indomito e fermente nem por isso despreza o pobre feudo de incognito regato, tão bem não será desdenhado este meo tão sincero tributo de gratidão, attendendo não á rudeza do escrito, mas á pura affeição que dirige minha penna obscura, e, para mais, tisonada pelo sopro enervador das contrariedades.

Dessas recordações historicas cahio naturalmente o pensamento nos devaneios da saudade, exarados nas ultimas paginas.

De V Ex^a

servo muito obrigado,

ALVARO.

Rio de Janeiro, 14 de junho 1875.

MATHILDE

CONDESSA DE BOLONHA

MATHILDE

CONDESSA DE BOLONHA

A RECEPÇÃO

Mas quem póde livrar se por ventura
Dos laços que Amor arma brandament

CANÇÕES.

Oh! como éra garbosa
Essa Condessa donosa
De Bolonha soberana!
A corôa que ella tinha
Éra corôa de rainha
E de gemmas diafana.

Seos`vassallos governava
E como filhos amava:
Eis que um nobre Senhor,
Um Infante estrangeiro
Das cruzadas cavalheiro,
Mas com modesto esplendor

Entra nesse seo estado,
E logo é convidado
Por Mathilde primorosa,
Sabendo que éra vindo
Da patria cára sahindo,
Da sua patria saudosa.

Chega áo palacio offertado
Onde encontra preparado
Um aposento custoso,
Com joias de preço e valor,
E do mais rico lavor
Éra seo tecto mimoso.

Tinha a Condessa ordenado
Que nelle fosse pintado
Com extrema brevidade
De Coimbra o Castello,
De Portugal o mais bello :
Em torno delle a cidade.

Q' ria a mente captivar-lhe,
A terra sua lembrar-lhe
Nessa distancia afastada,
Como dama de primor
D'antiga nobreza flôr
E de trato delicada.

Lindos pagens o servião,
E suas ordens cumprião
Como d'um Senhor feudal :
E do leito o cortinado
Tinha o escudo bordado
Das armas de Portugal.

Péde Affonso, cortezão,
A' Condessa permissão
Para ir depositar
Nobre agradecimento,
Expressão do seo respeito,
A'os pés d'ella ajoelhar.

Mathilde ao vélo sentio
Filtro que s'introduzio
Em seo livre coração !
E ao Infante saudou,
O qual a mão lhe beijou
A' guisa de adoração :

Ella com graça o recebe
Em que bem se apercebe
De sua alma a candidez :
Mas o pobre coração
Já sente o duro farpão
Que sua ventura desfez.

Um instante dissipava
O socego que gozava
Nesse abandono singelo,
Nessa vida de doçura,
Sem a menor desventura
Do amoroso flagelo.

Oh ! de que vale a tenção
De ter livre o coração
D'um amor insinuante ?
Não ha valor que resista
A uma languida vista,
A um pallido semblante.

A Condessa, ai ! tremia
Como quem d'amor fugia,
Mas sem poder evitar
A presença do Infante,
E esse olhar fascinante
Que sente lhe dominar :

Encobre o sentimento
Que lhe occupa o pensamento ;
Tinha esperança de vencer
Dictames do coração,
Desterrar uma paixão
Que começava a nascer.

Acabada a recepção
Com tão grande commoção,
Mathilde já recolhida
A' o seo quarto de dormir,
E, sem se querer despir,
A creada despedida,

Fica só, em solidão
Onde cresce a impressão
Que vinha de receber.
E agora a fantasia
Nobres feições lhe trazia
Sem as poder esquecer :

De Affonso louros cabellos.
Olhos azues e taõ bellos !
Alto porte magestoso,
Rosto suave, gentil,
Repleto de graças mil !
Homem em tudo formoso.

Em devaneios perdida
Alma sua já rendida,
Deixa cruel incerteza
D'existencia negação,
Abre o terno coração,
Segue as leis da natureza.

Triumpho Amor alcançou
E seo throno assegurou
No coração da Princeza,
Que o alaúde tomando
E a voz acompanhando
Com harmonica firmeza,

Ternas endeichas carpio
Depois que a janella abriu
Sobranceira áo jardim.
A lua meio-escondida
E entre nuvens perdida,
Lá nesse vacuo sem fim,

Tenues raios dardejava
Sobre um lago que espraiava
Suas aguas ondeadas,
Onde o cysne se deleita
E o collo altivo indreita
Entre as azas prateadas.

CANÇÃO

« Se do primeiro hymeneo
Os encantos eu perdi,
(Assim Mathilde cantava)
Deixa amor que volva a ti.

Um só instante bastou
Pra liberdade perder,
Para dentro em mea peito
Novo amor estremuer.

Como a briza que desprende
As folhinhas da roseira,
E que as vai impellindo
Do lago até á beira :

Como o canto vespertino
Do rouxinol delicado,
E que sempre é respondido
Por outro mais variado ;

Como a luz meiga da lua
Ou da fonte o murmurar,
Como o cheiro da florinha
Quando vai desabrochar.

Tal o enleio que eu sinto
Esse Infante áo contemplar,
Tem nos olhos magnetismo
Que me sabe fascinar.

Eu sinto nesta minh'alma
Doce vida renascer :
Juro ao céo que me escuta
Ou ser d'Elle ou morrer ! »

Este verso ao terminar
Sente uma corda estalar :
Deixa alaúde cahir,
E, sem conhecer a rasão
De sua perturbação,
Deste quarto quer fugir ;

Mas a hora adiantada
(Meia noite éra passada)
Não lhe permite sahir.
Envolta em longo roupão
De muito fino esguião
Vai no leito em fim dormir.

O BAILE

— Não a viu tão bella
Graças pleitear pelo invejado pom
O real pastor de Priamo. —

GARRETT,

Toda a côrte preparada
Com adreços e vestidos
Da móda mais apurada
E de gostos escolhidos,
Com bordados e com flôres
Variadas de cem côres
Em setins mui bem tecidos,

Sperava dia marcado
Pela Condessa adorada
Para um baile d'estado,
Com grande pompa afamada,
Em honra do estrangeiro,
Do Infante cavalheiro.
Nobre usança costumada

Nesses tempos que passarão,
Tempos d'amor e grandeza
A lembrança nos deixarão.
Affluio toda a nobreza
Quando a noite foi chegada
Com anhelos desejada.
Pelos atriros sem aspreza

Rodão os coches dourados,
Com damas e cavalheiros
Por corceis alli tirados :
Vem depois fortes guerreiros
Com os mantos roçagantes
E penachos ondulantes,
Garbosos e prazenteiros.

No palacio illuminado
Por mil luzes scintilantes,
Um salão jaz adornado
Com sedas e com brilhantes,
Onde a Condessa formosa
E mais que todas airosa
Comprimenta os vesitantes.

Entrão damas e donzellas
Pelo braço dos Senhores :
Algumas d'ellas são bellas ;
Todas merecem louvores
Por seu garbo e fantasia,
Por uma certa magia
De engraçados primores.

Mas Ella a todas vencia
Na graça, na magestade !
Na distincção excedia
De Gnido propria deidade ;
Um cortejo de seduccões,
Com que prende os coraçõs,
E' sua propriedade.

Os finissimos cabellos
Tecem-lhe corôa mimosa ;
Os seus olhos são tão bellos
Qual saphira preciosa
Que do céo a cõr brilhante,
Ao luzir do sól radiante
Apresenta fulgurosa.

Muito rico, elegante
De rainha éra o trajar :
Um purissimo brilhante
Hia o cinto arrematar :
Via o olho imprudente
Sob filó transparente
Niveo seio a palpar.

Instrumentos sonorosos
Tocão danças figuradas
Com passos bem graciosos
E posições estudadas.
O Infante já chegado
Ante a Condessa inclinado
As mãos lhe beija nevadas.

Ella de novo sentio
A mesma doce impressão
D'aquella vez em que o vio
Na primeira recepção,
Mas tomou todo cuidado
Que não fosse adivinhado
Segredo do coração...

Em tão linda formosura
D. Affonso embedido
Acolhia com ternura,
E tãobem em fim vencido,
A esse olhar tentador,
Prova certa do amor
Que o tinha já rendido :

N'alma sentia o prazer
D'aquelle terno palpitar
Que o fazia estremecer
Sem o poder evitar ;
Pelos olhos se entendião.
Um ao outro sorrião,
Mas não ousavão fallar.

Elle a Mathilde convida
Para o baile romper :
A Condessa commovida
Sabe bem corresponder :
Eilos ambos enlaçados,
Em meneios engraçados
Ninguem os póde exceder.

Ninguem os póde egualar
Nesses passos tão airosos :
No modo do seu dançar
Dissereis ser os mimosos
Productos da creação,
Dotados da perfeição,
Ambos gentis e formosos.

Quem poderá bem descrever
Dessas almas o fervor?
Quem poderá comprehender
Effluvios de tanto amor?
Corre com velocidade
Hora da felicidade,
Como são breves na flôr

Dias de sua existencia,
Deixa as petalas cahir
Sem a menor resistencia
E sem a vida fruir :
Assim breve terminou
A dança, que lhes causou
O que eu não sei exprimir.

Outras damas mui vistosas
Dansão com os convidados :
Em vestidos caprichosas,
E com enfeites bordados
De ouro fino, e de matiz.
Figurando a rosa, o liz,
E plumas nos penteados.

Quando o baile declinava
A refeição foi servida :
No cristal fino brilhava
Toda a sorte de bebida :
Nectar de Chipre famoso
E o falerno espumoso
Elixir da humana vida.

Já do paço vai sahindo
Luzida sociedade,
E nos coches vai partindo
Pelas ruas da cidade.
Affonso sahe pensativo
Como quem éra captivo
E perdeu a liberdade.

A Condessa não duvida
Do triumpho alcançado,
Mas tão bem estava frida
No coração delicado
De hervada seta d'amor,
E beijava a roxa flôr
Q' Affonso lhe tinha dado.



A CAÇADA COM FALCÃO

É Minerva

(Disséras) É Thalia quando os olhos
Cofres de riso, e graças demovia.
A' Hyacinthina flôr cinmes dava
A preta ondeada coma; em talhe esbélto
Co'a Palmeira de Délos contendia.

CHATEAUBRIAND.

A Condessa meditava
E pretextos inventava
Para ver Affonso amado,
Mas sem de leve offender
Ou mesmo comprometter
A honra do seu estado.

Desejo seo manifesta
De ir caçar pela floresta :
Senbores e seos donzeis
Montão cavallos de raça :
Os cavalleiros com graça
Tãobem cavalgão corceis.

Todos empunhão falcão
Como éra o uso então :
As proprias damas levavão
No hombro o Caçador
Passaro de tanto valor,
Que áo ar logo soltavão

Quando áo longe divisando
Qualquer ave, que voando
Não póde ser alcançada.
Mas o falcão destemido,
Que já se vê desprendido,
Corre á presa desejada,

Eis que se vê já descendo
Um ponto negro crescendo :
E' o falcão praticando
Em espiral a descida :
Traz nas garras opprimida
Fraca presa estrebuchando.

Vem direito á donzella
Que alli se acha tão bella,
Nella a dona reconhece
Que o troussera a caçar :
Depois de no hombro pousar
Triste ave lhe offerece.

O falcão é applaudido
Com festejo repetido,
E sua dona, orgulhosa
De animal tão valente,
O affaga brandamente
Co' a mão branca e mimosa.

A Condessa ahi montava
E dextramente guiava
Negro cavallo fogoso
De arabica finura,
E cuja bella estatura
O tornava generoso :

Qual Diana que tirava
As setas de sua aljava,
E'ra ella singular
Na arte de montaria,
E seo porte bem fazia
Qualquer mestre envergonhar.

Eis que se vê no horisonte
Por cima d'um alto monte
Garça do mar sahida :
Mathilde o falcão desprende
Que o grande espaço fende.
O cavallo a toda brida

Leva a mesma direcção
Que lhe ensinára o falcão :
Uma tão veloz carreira
Nenhum póde acompanhar :
Seria preciso voar
Pra seguir a cavalleira.

Mas do Infante o ginete
Mais leve que um foguete
Procura Mathilde alcançar
(Intento difficiloso),
Pois éra vertiginoso
Aquelle seo galopar.

Quando o Infante chegou
A um bosque intrincado,
Solta grito de horror !
A Condessa desmaiada
Éra por terra deitada
E coberta de pallôr .

O cavallo desabrido
Tinha pra longe fugido ;
Affonso desce appressado,
A Condessa socorrer
Éra seo maior cuidado,
O seo primeiro dever.

N'um arroio cristallino
Embebe o lenço fino,
E o mesmo espremendo
Sobre os labios descorados,
A Condessa vai sorvendo
Alguns goles delicados :

Abre os olhos! delirante
Julga estar naquelle instante,
Vendo-se nesse deserto,
De seo Affonso adorado
Nos braços, e d'elle tão perto !
— Antes não ter acordado.... —

Silencio! oh Trovador!
Não queiras ser delator
Do que então se passou
Entre o par afortunado...
Um ao outro se jurou
Amor puro, consagrado

Pela Egreja, no altar,
Que os devia enlaçar
Nesse affecto generoso :
Ella o poder repartia,
Elle da patria saudoso
Quem sabe se a mais veria?

Chegão pagens áo logar
A Condessa a procurar :
Que a tinhão visto correr
Para aquella direcção,
E ião promptos saber
Se tinha d'elles precisão.

Trazem cavallo adestrado
A' Condessa destinado,
Mais docil que o primeiro
Que tinha desaparecido :
Com movimento ligeiro
Salta no recém-trazido,

Que soberbo de a levar
Entra logo a relinchar
E a crina meneando
Com ademan gracioso,
Ia o passo moderando
Por esse bosque frondoso.

Já livre da commoção
Que sentira no coração,
A Condessa principia
Leves dôres a soffrer :
— A natureza exigia
Que se fosse recolher—.

Ao seo lado o bello Infante
Ia d'amor triumphante,
Tão feliz que recéava
Ser effeito de ilusão
O bem que óra gozava
Dentro em seo coração.

Um pouco mais afastadas
As damas acompanhadas
Pelos jovens cãçadores,
Que lhes rendião finezas.
Ou lhes davão as flôres
Colhidas pelas devezas :

Dous a dous ião marchando
Os cavallos governando ;
Brandas frases se dizião
Como soe a mocidade.
Seos affectos repartião
Em caminho da cidade.

CONSORCIO E VENTURA

Ella nos paços logra seus amores
N'uma alma, doce, incognita alegria.

CAMOENS.

Poucos dias se passarão
Que a Condessa restaurarão
De seo pádecimento :
Já se foi a passear,
Sahindo do aposento
Nos jardins a respirar.

Manda a Côrte convocar,
Seo consorcio annunciar
Com esse nobre estrangeiro
Com esse Infante real,
O mui alto cavalleiro
Affonso de Portugal.

Nunca festa assim se vio
Desde que Bolonha existio :
Érão justas e torneios
Sempre luxo a ostentar :
Não se poupavão os meios
De hymeneo solemnisar

Com danças, bailes, folguedos.
Das praças nos arvoredos
Mil luzes variegadas
Durante a noite fulgião.
As janellas áornadas
Muitas damas exhibião

A ver acompanhamento
De tão grande casamento,
No dia que destinado
A essa festa sagrada
O povo éra acordado
Desde o toque d'alvorada.

Ventura indefinivel,
Que maior não é possível,
Gozarão os dous amantes
No seu leito de ternura,
— Felicissimos instantes
Que só amor nos procura :—

Doces mezes decorrêrão,
Uns a outros succedêrão :
Mathilde, sem desmentir
Affecto tão extremado,
Sabia amor repartir
Com seo Affonso adorado.

Éra este conhecido
Por valente, aguerrido,
Vinte e sete annos contava.
Alto de corpo e bem feito :
Em valor tanto primava
Que em signal de respeito

O Papa o fez nomear
Para um corpo comandar,
Que á Terra Santa devia
Infeis ir combater;
Onde seo ferro sabia
O sepulcro defender.

Naquelle tempo das cruzadas
Pelos christaões ordenadas,
Éra grande distincção
Ser do Papa designado
Para tão alta missão.
A Paris tinha chegado

Affonso para partir,
E seo mandato cumprir
Lá na terra oriental,
Quando vem os deputados
Do reino de Portugal,
Expressamente enviados

A fazêl-o sabedor
Que se devia dispôr
E voltar ao berço amado,
Em prazo bastante urgente.
Pelos Estados chamado
Como do reino Regente :

Pois D. Sancho seo irmão
Deposto pela nação
Do throno, que não sabia
Dirigir e sustentar
Ou reger como devia,
Não podia mais reinar.

Porêem esses commissarios
E do povo mandatarios
Um juramento pedirão
Ao Infante de manter
Patrias leis; e exigirão
D'alli mesmo prometter

Privilegios conservar,
Immuniidades guardar
A'o clero, povo e nobreza,
E de ser observador
Com imutavel firmeza
Do nacional pundonor.

Do poder ambicioso
E de reinar desejoso
Em jurar não hesitou,
E, sem a Bolonha voltar,
Pra seo reino caminhou
A gloria a conquistar.

INGRATIDÃO

Indignée, elle éclate en plaintes,
en reproches, elle l'accuse de violer
sa foi, de l'abandonner, de la tra-
hir ; elle lui reproche son ingrati-
tude, et rappelle de quels bienfaits
elle l'a comblé.

VIRGILE.

Portugal em dôr oppresso
Anhelava o regresso
Do Infante esperançoso,
Pois que o Rei desvirtuado
Por um amor ominoso
Tinha o reino desgraçado!

Onde estava esse valor
E das armas o esplendor
De tão distintos guerreiros,
Que aos mouros perseguirão
Por valles e por outeiros
E os castellos lhes vencião?

Ah! o Rei effeminado
Tinha tudo transformado ;
Por isso hoje se abrião
As villas e as cidades,
E Affonso recebião
As municipalidades.

Mas entre tantos Senhores,
Houve alguns governadores
Exemplo de lealdade :
Em quanto Sancho viveo
Guardarão fidelidade,
Nenhum d'elles se rendeo.

Fernão Pacheco se achava
N'um castello, que cercava,
C'um reforço destemido,
D. Affonso pessoalmente,
Celourico conhecido
Pela força imponente :

Viveres já diminuião
A'os que a praça defendião :
Eis que ave de rapina
Em seo voar alteroso
Uma truta grande e fina
De sabor delicioso,

E no Mendego pescada,
Deixa cahir na esplanada
Do castello, onde jasião
Os soldados esfaimados,
E comêl-a já querião :
D'isso forão desviados

Pela ordem superior
Do mesmo governador,
Que mandou-a de presente
Em prova de abundancia
A'o Infante Regente,
Que retirou em distancia,

Pensando que os cercados
Érão de tudo abastados,
Pois tinham d'aquelle pescado
Deviaõ tãobem possuir
Outro menos delicade
Com que á fome acudir.

De Coimbra, Martim Freitas,
Cujas acções tão perfectas
Excedem todo louvor,
A Toledo foi levar
As chaves, ahi depôr
Triste pranto a suspirar.

De Sancho na sepultura
Disse com grande amargura :
« Oh! Rei, tenho cumprido
O meo leal juramento;
Eis-vos em pó convertido!
Tenho meo absolvimento. »

Depois á patria voltou,
Oude de novo jurou
Affonso, verdadeiro
De D. Sancho successor,
Pois éra o seo herdeiro
E por sua morte Senhor.

A'o ver tal nobre acção
De tão distincto varão,
D. Affonso lhe entregou
As chaves que elle trazia,
De juramento dispensou
Alcaide que o merecia.

Feliz povo governado
Por monarcha tão honrado,
Que sabe offensa esquecer,
Serviços remunerar ;
E se bem sabe vencer
Melhor sabe perdoar!

E logo foi um tratado
Com Castella entabolado,
Em que seo rei se ligava
Affonso a sustentar ;
Este tãobem se obrigava
Com Beatriz a casar

Joven e meiga princeza,
Já notavel por belleza,
Filha do rei castelhano ;
A condessa repudiar,
E ainda nesse anno
Sarracenos debellar,

Agressores dos castellos
De Hesperia mais bellos.
Tudo Affonso bem cumprio,
Com Beatriz se casou,
Batalhas áos Mouros ferio
E de paz em fim gosou.

Amor e interesse unidos
Saõ d'Affonso conseguidos :
Beatriz éra formosa
Seo amor lisongiava :
Castella éra podrosa
Seo direito assegurava.

A Condessa sabedora,
Pela fama voadora,
Que outras nupcias contrahira
D. Affonso em Portugal
Com Beatriz sua rival,
E tão santo amor trahira,

Vem procurar o traidor
Que illudira seo amor :
Quer mover lhe o coração,
Quer em seos braços cahir,
Com lagrimas o punir
Movida pêla paixão.

Porêm retida em Cascaes
Por duras ordens reaes,
O esposo não pôde ver,
Pois não lhe foi permittido
Avistar o fementido,
Que a não queria receber.

Obrigada a regressar
E para França a voltar,
O coração magoado
De tão duro tratamento.
Oppresso de soffrimento
E d'angustia traspassado.

Antes de partir deixou
Uma carta, que assignou,
Para o Rei, em que dizia
De sua dôr a grandeza,
E sua immensa tristeza
Nella assim exprimia :

« Vim ao teu paiz, traidor,
Para ver com que semblante
Encobres deslealdade
De tua acção infamante.

Mas como de avistar-me
Tens receio e temor
Fazes bem de me fugir,
Homem indigno d'amor.

Nesta carta eu te deixo
Um eterno monumento
Mais de tua ingratidão
Que de meo resentimento.

Em tuas falsas virtudes,
Enganada, acreditei :
Recebi-te em meos estados,
Em meos braços te aceitei:

Da miseria te salvei,
Dei-te meos bens e poder,
Recebi-te no meo leito...
Que me restava a fazer ?

Essas beneficás graças
Só servirão de crear
Mais um ingrato cruel
Para me assim ultrajar.

Vingada um dia serei
D'essa tua ingratidão ;
Os penetrantes remorsos
Alma tua affligirão.

Mas traidor, eu inda sinto
A paixonar me por ti
Com sincero e puro amor.
Como outrora já senti.

Ai ! não possa aborrecer
Quem de Deos assim zombou !
Sendo falso em seu amor
Juramento violou.

Offende o meo nascimento
E a minha formosura,
Offende triste belleza
Com que me dotou natura.

Não ! debalde meo coração
Inda se move a querer-te :
O mundo soblevarei
Só para o fim de perder-te.

Odio serás do Universo !
Todos de ti fugirão :
Sob o peso do remorso
Todos te detestarão.

Tua fatal ambição
Um abysmo abrirá
Onde a minha vingança
Teo nome perseguirá. »

Mathilde autes que sahisse
E do reino se partisse,
Submersa em afflicção
E no maior desalento,
De vingar-se no intento
Perdeo toda a sã rasão :

Na vespera de partir
Quiz ao mar se dirigir
Antes que o dia raiasse :
Os cabellos desgrenhados,
Olhos d'ira inflamados,
Sem que alguém a acompañasse.

Leva comsigo os filhinhos,
Esses dous tenros anginhos
Que o cruel lhe gerára
Quando só d'amor vivião,
E amor ambos sentião,
Nessa quadra que findára.

Deixa-os sobre a bravia
Rocha que o mar batia :
« Morrei, fructo desgraçado
Desse meo amor fatal
Com o Infante real,
Com esse Affonso malvado,

Nada quero conservar
Qu'inda me faça lembrar
Esse monstro fementido.
Sois seos filhos : ai ! morrei !
Eu com vida ficarei
Pra um dia o ver punido. »



EU DEI SOMBRA

A IGNEZ FORMOSA

EU DEI SOMBRA

A IGNEZ FORMOSA (1)



PRESENTIMENTO

De noite em tristes sonhos que mentição
De dia em pensamentos que voação.

CAMÕES.

Triste cedro verdejante,
Oh! das florestas gigante,
Revela-me o que já viste..
A' tua sombra recostado
Esse Pedro tão amado
A Ignez ah ! não resiste.

(1) Estas palavras achavão-se gravadas no tronco do mais corpulento dos cedros que sombreavão a *Fonte dos amores* junto a Coimbra.

Quem se poderia esquivar
De um tal amor partilhar?
E d'esse collo de garça,
D'esses cabellos dourados,
Undulantes, espalhados
Com desdem, porém com graça?

E o principe vencido,
Do mesmo throno esquecido,
Sem da corôa se lembrar
Nem do seu bello esplendor,
Tem no peito ardente amor
Para Ignez idolatrar.

— Cáro esposo, lhe diz ella,
A tarde não vês tão bella?
O Mondego preguiçoso
Pelas margens se desliza,
E o salgueiro com a briza
Se debruça gracioso, —

Eilos ao vergel descidos :
E nos olhos embebidos
Um do outro, venturosos,
Vão áquella fontesinha
Que do palacio vesinha
Refrigera os sequiosos :

E sob a copa pendente
Do cedro annoso, ingente,
Assentados, com ternura
Chega Pedro ao peito a amante,
E com amor palpitante :
— Q'rida, lhe diz, que ventura

Em ter-te nos braços meos,
Divisar nos olhos teos
Doce e candida affeição,
Gloria pura do meo ser,
E que torna o meo viver
Celestial emanação! —

Um suspiro murmurado,
E nos labios abafado,
Ignez do peito exhala....
Que lhe occupa o pensamento
Um triste presentimento,
E a custo assim lhe falla :

— Oh ! esposo, eu sem querer
Sinto minha alma estremecer :
Em torno de mim só vejo
Negras trevas adejar ;
Desafia o meo penar
Profundo morno silencio,

Quando de mim apartado
Vais caçar pelo montado,
E sosinha no aposento
Abraço os filhos queridos
Que soltão ternos gemidos
Ao ouvirem meo lamento.

Troca-se em noite o dia
Sem a tua companhia ;
O menor sopro de vento
Desperta em mim o terror,
Cobre as faces de pallôr,
Quasi fico sem alento,

Sem acordo, delirante
Julgo ouvir a todo o instante
Os echos de sahimento
Que me vem atormentar ;
E neste duro penar
Me afigura o soffrimento

N'um sepulcro ensanguentado
Que meo corpo amortalhado
Jaz sem vida e sem calôr !
Sinto uma frida no peito
Do ferro que sem respeito
Me cravou o matador. —

— Desterra d'alma o pavor
Qrida Ignez, ó meo amor,
Não me vês pois a teo lado?
Naõ sabes que a minha espada
É por todos respeitada?
Que eu sou principe jurado?—

— Eu te quero acreditar,
Diz Ignez quasi a chorar,
Perdoa se o meo temor
Póde teo brio offender,
Que só tu pódes vencer
Algozes do nosso amor. —

Cedro, oh! cedro annoso,
Segredo misterioso
É o que depois se passou
A' tua sombra frondosa
Nessa tarde deleitosa,
Que em tão breve deslisou.

O ERMITÃO

Pardo burel lhe roça a penitencia
Nos membros que luziram d' aço e d' oiro.

GARRETT.

Dias tres éráo passados :
Os monteiros apressados
A' o primeiro alvorecer
Tocão trompas a caçar,
Para tudo se apromptar :
Marchão servos a correr,

Rinchão ginetes fogosos
Montados pelos briosos
Pagens, e os caçadores
Cóm precedencia avisados
Para caçarem veados,
De todos os arredores

Correm logo que soou
O toque que os despertou.
D. Pedro quer ir caçar,
É valente e corajoso
Não póde estar ocioso
Sem as feras montar.

Antes do paço deixar
Vai os filhos abraçar :
Com vivissimo transporte,
Em meigo, terno fervor
De tão dedicado amor,
Beijá na face a consorte,

Qu'inda no leito deitada,
Mas do somno acordada
Banha com seo pranto ardente
Os labios do bem amado,
Que aos seos tinham passado
Em um osculo fervente ;

Doce foi e extremoso
Esse d'amor venturoso
Extasis ! que o pensamento
Sabe só apreciar,
Mas não se póde explicar
Tanto gôzo n'um momento...

N'um cavallo corredor
Elle já salta com primor
Como gentil cavalleiro ;
Todos seguem seo andar
Qual mais póde caminhar,
Nenhum é o derradeiro.

Entrão nas mattas sombrias
E nas toscas penedias :
Saltão rios e vallados,
Os animaes perseguindo,
Que velozes vão fugindo
Pelos montes escalvados.

Corre o tempo apressado
A'o caçador descuidado
Da vida, nem tem lembrança
D'outra cousa que não seja
O que mais alli deseja,
Seguir com perseverança

Do javali a carreira,
Que do bosque na clareira
Pára todo espavorido,
E sobre o trilho hesitando
E a morte arreçando
É do tiro ahi ferido.

Alguns dias já passárão,
Caçadôres não voltárão.
De Coimbra mui distante
Pedro andava caçando,
Mas da sorte não cuidando
Que soffria a bella amante.

E já muito fatigado
Da carreira d'um veado,
Chega junto d'uma fonte,
Cuja onda cristallina
Borbotando da collina
No mais aspero do monte,

Convidava o caçador
A mitigar o ardor
D'uma sede devorante :
Robre antigo cobria
A lympha que alli corria
Em quantidade abundante.

E do cavallo descendo,
Em quanto ia bebendo,
Pensava na fantasia
Qual seria a divindade
Da grega antiguidade
Qu'esta fonte presidia:

Em musgosa pedra, ao lado,
Um ermitão assentado
Ve estar, e, com respeito,
A'ò seo encontro caminha,
Como á idade convinha
E á cruz que traz ao peito :

E quer beijar respeitoso
A mão do ermita annoso,
Porém este ao coração
O aperta com fervor,
E cheio d'um santo amor
E celeste inspiração :

— Salve ! lhe diz, meo senhor,
Eu sinto profunda dôr
Agora neste meo peito ;
Vejo uma scena violenta
Cheia de horror e sangrenta
Junto desse mesmo leito

Onde deixasteis saudosa
Vossa consorte formosa...
Voai, principe, correi,
Não percais um só instante,
Talvez salveis a amante :
Correi, D. Pedro, correi. --

Quem seria esse ermitão
Respeitavel ancião,
Trajando grosso burel,
Habitando neste monte
N'uma cabana, de frente
A' quelle rustico vergel ?

Descrendo da sociedade
Procurou a soledade
Deste bosque retirado,
Esperando o momento
De seo triste passamento
Em jejum continuado.

Succumbindo á paixão,
Que escravisa o coração,
Insensou na mocidade
Da Cypria Deosa o altar,
E pra creatura adorar
Esqueceo a Divindade :

Soffreo mil dissabores
Por causa de seos amores ;
Vio morta a amada bella
E roubada a seo amor,
Penetrado pela dôr
Quiz tãobem morrer com ella.

Tristes lagrimas chorou,
Onde o corpo sepultou
Da gentil dama qu'amava :
Annos quatro em amargor,
Em continuo dissabor,
Noite e dia soluçava,

Antes do quinto findar
Foi elle a peregrinar,
P'ra Terra Santa marchou
Como triste penitente,
E no sepulcro reverente
De Jesus se ajoelhou.

Depois á patria voltou
E o silencio adoptou
Onde lagrimas vertesse,
Terno pranto d'amargura,
E a propria sepultura
Com as mãos suas fizesse,

Qual da Trapa o habitante,
Em mudez sempre constante,
Cada dia vai cavar
A terra da sepultura,
E nessa cruel tortura
Ve a morte avisinhar.

— Perdoai, Deos de bondade.
Delictos da mocidade,
Não vos lembreis do peccado
Da ignorancia nascido :
Vêde já que arrependido
Ante vós estou prostrado (1). ---

Assim orava fervente
O afflicto penitente,
E sua fé exprimia :
A deos auxilio bradava
Que em premio lhe autorgava
Alto dom de profecia.

(1) Psalmo 24.

FATALIDADE

Ceos ! elle mesmo, elle ! — Precipita-se
Sobre o cadaver....
O sangue áo coração atropelado
Recuou, estagna-se e parou da vida
As funcções todas áo guerreiro ; — em terra
De mortos semimorto fica.

GARRETT.

Manda as trompas resoar
O principe : quer já voltar.
E o som da retirada,
Pelos echos repetido,
Da gente é logo ouvido
Que se achava debandada.

Lá vai a passo marchando,
Pra Coimbra caminhando,
Cada qual mui satisfeito
Recontando as façanhas
Que nas asperas montanhas
Na caçada tinha feito.

Já se divisa a cidade
Com sua universidade,
A torre que aparecia
Nesse vetusto alcazar,
No magnifico solar
Da nascente monarchia.

Do rio á sestra margem
Entre virente folhagem
Corre Pedro apressado
(Éra alli que residia
Aquella por quem morria)
De saudades abrasado:

Entra no paço deserto :
Seo quarto estava aberto
E tudo desordenado ;
A porta d'elle áo transpôr
Solta um grito de horror !
Cahe por terra desmaiado.

Vira a esposa adorada
No proprio sangue banhada ;
Tinha no peito cravado
Duro punhal matador,
Na face o triste pallôr
De corpo inanimado ;

O sangue inda espumante
D'essa frida penetrante
E do seio lhe manava
Sobre os filhos queridos,
A seo lado espavoridos,
A quem o susto matava,

Dous conselheiros d'estado
Tinhão alli penetrado,
(Raça vil da sociedade)
Sabendo o esposo amado
Estar d'Ignez afastado,
Co'a maior ferocidade

Dão a morte á innocente,
Que de seo marido ausente
Em vão soccorro implora.
Os perversos matadores,
Quaes os vís accusadores
Da casta Susana outróra,

Conselheiros tãobem éráo,
Grande mal tãobem fizerão.
Mas já volve a respirar
O Principe amortecido,
E recobrando o sentido,
Eilo então a suspirar.

Imprime osculo de amor
Nessa boca sem calor :
Ultimo beijo!... quem póde
Esquecer a impressão
Que deixas no coração,
Se um Deos nos não acode

A dar o esquecimento,
E riscar do pensamento
A memoria do passado?
Lagrimas D. Pedro seccou.
Por aquelle sangue, jurou,
Do seo idolo prezado,

Vingança cruel, severa,
Vingança mais crua e féra
Que a d'Atreo inhumano :
E cumprio o juramento
Dando supplicio cruento
Quando da patria soberano.

Os crueis forão punidos,
Seos corações extrahidos,
Pelas costas ao primeiro,
A' o segundo pelo peito :
O rancôr foi satisfeito
Por D. Pedro justiceiro.

Triste cedro negrejante,
Oh! das florestas gigante!
E mudou-se a tua côr!
Teo aspecto é hoje escuro,
E já foi verde tão puro :
Causas mágoa e causas dôr.

Érão teos ramos viçosos
Naquelles dias saudosos
Em que Ignez acompanhada
Pelo seo real amante,
De ventura radiante
A' tua sombra sentada,

Bebia nos labios seos
Um nectar feito por Deos...
Mas hoje triste amargura,
Que enluta o coração
A' simples recordação
Desse tempo de ventura,

Sente Pedro tão saudoso
No seo peito amoroso
Quando, de dôr opprimido,
Vai-te, ó cedro, vesitar,
E ahi livre chorar
Para sempre o bem perdido.



D. MARIA TELLES

1378

Tu só. tu puro Amor, com força crua
Que os corações humanos tanto obriga.
Déste causa á molesta morte sua.

CAMÕES.

Era Maria princeza
Na formosura e belleza :
Não tinha sangue real,
Mas pelo amor ligada
E c'o Infante casada
D. João de Portugal.

Longe da côrte vivia
Pois seos enredos temia :
Em Coimbra retirada
N'um palacio deleitoso
Pelo marido zeloso
Occultamente guardada.

Tão gentil e delicada
Tinha o porte d'uma fada!
Meiga e doce no fallar,
Sempre nos labios o riso ;
Éra o sól do pariso
Seo ternissimo olhar...

O Infante a sós marchára
(Porque o Rei lhe ordenára)
Pra sua côrte brilhante :
Ahi do mal descuidoso
Porêm da Amante saudoso
Suspirava a todo o instante.

Um dia que descansado
Pelo jardim matizado
De mil variadas flores,
Passeava docemente
E scismando tristemente
Em Maria seos amores,

A Rainha traíçoera
Se apresenta mui faceira,
E demonstrando tristeza,
Lhe diz com voz fementida:
— Oh! quanto me traz sentida
Deshonra de Vossa Alteza!...

Uma torpe e vil traição,
Filha só da ingratidão,
Não posso de vós occultar!
Vosso leito é profanado...
Vosso amor é despresado!
Já não ha que duvidar.

É minha irmã a traidora
Quem o thalamo deshonra!
Que triste fatalidade,
Minha familia aviltada,
Da virtude desherdada
Com feia deslealdade! —

Oh! Messalina cruel!
Tu é que éras infiel,
Oh! adultera Leonor!
Pobre irmã éra innocente,
Não merecia torpemente
Ser tratada com rigor.

Ob! Messalina brutal,
Infamia de Portugal,
Que rainha te chamava :
Em cujo throno sentada,
Tinhas alma depravada
A quem inveja inflamava.

Inveja de ver que um dia
Rainha a irmã seria,
Quando, morto o proprio Rei,
O irmão lhe succedesse,
E do throno ella descesse,
Como assim mandava a lei.

Raivando em furia Joaõ
Sente arder-lhe o coração :
— O meo cavallo fouveiro
Que sempre me foi fiel,
Esse indomito corcel,
(Diz elle ao pagem primeiro

Com que topa furioso)
O meo cavallo brioso
Traz-me já e sem detença ;
Tenho pressa de chegar,
A Infante vou matar !
É dada sua sentença... —

Eis o cavallo rinchando
E com as patas cavando :
Pelas ventas sibilava
Qual o vento do trovão :
E o seo bruto coração
A desgraça adivinhava.

E nelle cavalga ligeiro
João, nobre cavalleiro :
Não corria, mas voava
Pela estrada coimbrã,
Desde a primeira manhã
Até quando o sól baixava ;

Já longa a noite corria
Quando o Infante descia
Verde serra de Condeixa,
E Coimbra se divisa
Por entre sopros da brisa,
Que a pallida madeixa

Dos salgueiros undulantes
E dos alamos gigantes
Brandamente lhe assoprava,
Doce o rio vai correndo
Em mil voltas retorcendo.
Do corcel lá se apeava

O mancebo offegante
Sem juizo, delirante.
Diz áo pagem que esperasse,
Dá-lhe a redea presuroso :
Em silencio, cauteloso,
Sem que alguém encontrasse,

Sóbe as ruas da Cidade
Com extrema anciedade ;
Pára no meio da altura
Onde móra a desditosa
Essa esposa tão mimosa
Que o amava com ternura.

Fórça a porta ! vai direito
A'o proprio quarto do leito,
Onde a bella jaz deitada,
C'o pensamento entretido
Em seo esposo querido,
Que a julgava culpada.

Salta de amor e contente
A' o vêlo : mas de repente,
Quando abraçava o cruel,
Sente o ferro embebido
Em seo peito já ferido.
Como se fosse infiel.

C' um punhal João armado
Tinha-lhe o seio cravado
Duas vezes, sem piedade !
Ella, c' o sangue exhalando
Doce vida, e suspirando,
Subio á eternidade.

Salhe o Infante espavorido,
E do crime arrependido,
Vai onde o pagem ficára
O seo cavallo guardando,
E sobre elle montando
Para traz não mais olhára.

A sombra triste da amante
Adejava a todo o instante
Em torno do desditoso,
Que procurou um cantinho
Lá na provincia do Minho,
Onde podesse saudoso

Tristes lagrimas chorar,
Que jamais quiz enchugar.
Talvez que a vida perdeu
De remorso penetrado,
E de saudades ralado,
Seo fim ninguem conheceo.



MONFORTE DE REI-LIVRE

Eu não sei com que doçura o paiz
natal todos attrahe, e nem consente
que se esqueçam d'elle.

HORACIO.

Para que pediste, amigo,
Que fallasse da saudade,
D'essa dôr tão suave,
Que sempre trago comigo ?

Em minha alma perturbada
Avivaste o sentimento
Da triste recordação
Da patria idolatrada.

Tu conheces nossa terra,
Conheces bem as cidades,
Conheces margens do Lima
E os atalhos da serra,

Que se eleva sobranceira
A esse rio formoso ,
Onde existe a mãe querida
Que te deo a luz primeira :

Conheces terras d'alem
Do soberto Tejo ameno ;
Os encantos de Lisboa
Tu conheces muito bem.

Mas de certo que não viste
Do norte rude fronteira,
Alta montanha escarpada,
Nem a Monforte subis

Monforte velho castello
As florestas dominando,
Ponto de vista soberbo
E panorama mui-bello.

A'o sul mattas escuras
De carvalhos, castanheiros
A's aldeias espalhadas
Servem alli de molduras :

Depois a extensa veiga,
Que se prolonga garbosa,
Lá no fundo espraiada,
Verdejaute, e linda e meiga :

Leguas seis tem de extensão
Uma e meia de largura,
Pelo centro vai correndo
Doce o Tamega loução,

Que deslisa brandamente
Por entre fertes searas,
Entre vinhas e pomares
Sua lympha transparente.

Qual a cobra que se estende
Ondeando sinuosa,
Tal o rio prateado
Campear alli pertende :

Em cachão vai espumando
Sob a ponte de granito,
Que romanos fabricarão ;
E lindas quintas regando.

Oh ! que planicie formosa
Por aldeias guarneçada
Por villas e por castellos
D'architectura vistosa,

Cára patria onde nasci
Quantas bellezas te adornão !
Ingrato que te deixei !
A desgraça eu bem merci...

As searas ondulantes
Semelhando o mar fugaz,
E tão alegres com flores
De matizes mui brilhantes,

Ora vermelhas de rosa,
Ora brancas ou azues
Os perfumes espalhando
Pela manhã graciosa.

Quando vem a pastorinha
Branco carneiros guardando
Modula brandos cantares
Que lhe inspira a samfoninha

Do seo zagal trovador,
Que n'aldeia ou no montado
Quando vai pascer seo gado
Canta só canções de amor :

E seos accordes aprendem
Com a terna philomela
Em noite de estio bella,
Quando da collina descem

Para voltar áo cazal,
Onde espera a refeição
Das forças reparação;
E as rezes no curral

Achão comida a fartar.
Verdes ramos de parreira
Ou da fresca cereigeira.
Para depois ruminar.

Oh ! que vida eu lá vivi
Entre as pastoras no monte !
Ou junto da fresca fonte
Quantos gozos eu senti !

Que singelo éra o viver
Dessas rusticas bellezas,
Creadas pelas devezas
Sem o luxo conhecer.

O seo adorno mimoso
Erão os proprios cabellos,
E só usavão prendêl-os
Có um trancelim vistoso.

Era tudo singeleza :
E a graça delicada
Não era alli occultada
Contra as leis da natureza.

De seos rostos a frescura
Impalledecia uma rosa,
E sua cutis mimosa
Tinha do lirio a brancura !

Tantas frutas, tantas flôres,
Tantos vinhos generosos
Por esses campos saudosos,
Por essa terra de amores.

As cerejas cubiçosas,
Os Damascos, as maçãs,
As silvestres avelãs
E as peras saborosas ;

O castanheiro frondoso
Abr'os ouriços repletos
De fructos, que já completos
São alimento gostoso :

Os melões que tem aroma
Do abacachi rival,
E talvez não haja equal.
Carmezim fruta de Roma

De rubins mil recheada,
Ella o bellico instrumento
E da guerra triste invento
Semelha bem a granada :

Ameixas assucaradas
E os pecegos cheirosos,
Os alperses mais vistosos,
Outras frutas variadas ;

Uvas mil deliciosas
Como as de Chipre afamodas,
Ou na Sicilia creadas
Em collinas deleitosas.

De Minerva a oliveira
Verga os ramos debruçada
Com as frutas carregada.
Ostenta a verde figueira

Largas folhas, frutos doces
Vezes duas cada anno,
(De natura um arcano)
Uns maiores e precoces

No principio do estio,
E no fim outros menores,
Mas que não são os peores,
Quando já começa o frio :

As nozes são producção
Da corpulenta nogueira
Que produz fruta e madeira
A melhor de construcção.

Lá na serra as perdizes,
E os coelhos no monte.
Antes que o sól desponte
O reflexo de matizes

No cume da penedia,
Projectando luz brilhante
Com seos raios de diamante
Lá por traz da serrania,

Donde jorrão borbotões
D'agua pura, transparente.
Que forma uma corrente
Entre verdes solidões,

Lança a rede o pescador,
Sahe-lhe peixe delicado
Barbo, truta ou dourado,
Todos peixes de sabor.

As damas tem formosura
E cabellos preciosos,
Os homens são mui ciosos
De sua heroica bravura :

Que o digão castelhanos
E os gallos furibundos,
Esses despotas immundos
Vencidos por lusitanos.

Todos sabem quem primeiro
Foi que bradon-liberdade !
Na terra da lealdade
Contra Junot traíçoeiro :

E depois quando os inglezes
Com ferrea mão oppressora
Sobre Lisia vencedora
Desses bandidos francezes,

Governavão soberanos
A nossa terra natal,
A terra de Portugal,
Taõbem forão transmontanos

Alguns regeneradores
Da nobre revolução,
Que libertou a nação
Dos britanos oppressores.

Se tu fores ao paiz
Onde foi o berço meo,
— Em nome do proprio céo —
Diz-lhe que son infeliz,

Que, neste sollo afastado
Retido pelo destino,
De saudades desatino
E vivo só do passado :

Diz-lhe que um poder tiranno
Cortou minha liberdade
Com refinada maldade ;
— E' seo timbre o vil engano —

Faz-me perder esperanza
De gozar felicidade,
Tenho apenas a saudade,
Tenho a patria na lembrança ;

Na lembrança permanente
Tenho o rio, o monte, o prado,
A casa onde fui nado,
O jardim sempre virente

Por minha mãe cultivado.
Oh ! que flores éráo aquellas !
E'ráo flores as mais bellas
Que jamais tenho gozado.

Diz-lhe, em fim, que desterrado
Eu não son nenhum perjuro,
E que morrer só procuro
Sem o ter eu renegado :

Que meo ultimo suspiro
Será da patria e de Deos...
Embora os restos meos
Fiquem, ai ! neste retiro.



INDEX

Carta dedicatoria..	3
Mathilde Condessa de Balonha.	7
Eu dei sombra a Ignez formosa.	55
D. Maria Telles.	81
Monforte de Rei-livre.	91





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).